

Mariana Rezende Spini

Análise do Discurso de Gênero em “Irmão do Jorel”

**Uberlândia
2019**

Mariana Rezende Spini

Análise do Discurso de Gênero em “Irmão do Jorel”

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para aprovação do curso de Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. João Fernando Rech Wachelke

**Uberlândia
2019**

Mariana Rezende Spini

Análise do Discurso de Gênero em “Irmão do Jorel”

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. João Fernando Rech Wachelke

Uberlândia, 1 de julho de 2019.

Prof. Dr. João Fernando Rech Wachelke (Orientador)

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia – MG

Prof. Dra. Núbia Silvia Guimarães Paiva (Examinadora)

Pedagoga /ESEBA – Uberlândia – MG

Ms. Jéssica Bruna Borges Pereira (Examinador)

Psicóloga – Uberlândia - MG Uberlândia 2019

Uberlândia

2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que de alguma forma me auxiliaram, não somente no período do TCC, mas ao longo desses últimos cinco anos. À minha família, minha imensa gratidão por tudo o que fizeram, fazem e farão por mim. Às minhas amigas de infância, que mesmo estando cada uma em um canto do país, se fazem tão presentes e compreensivas. Ao meu namorado, que se manteve e se mantém por perto me auxiliando e acompanhando meus passos. Aos meus colegas que crescemos e amadurecemos juntos ao longo da graduação, compartilhando momentos bons e ruins, mas sempre buscando auxílio um com outro. À Núbia, que em 10 meses fez toda a diferença na minha formação como psicóloga, trazendo um outro olhar sobre a pedagogia e a psicologia escolar. Ao João Wachelke, que ao longo desse trabalho ajudou muito com seu conhecimento, calma e paciência, me mostrando que um trabalho de TCC não precisa ser o fim do mundo. Por fim, aos demais professores do Instituto de Psicologia da UFU.

RESUMO

As animações são um veículo de linguagem que além de entretenimento também podem servir como fonte educativa para as crianças. Esse trabalho realizou um estudo sob um episódio específico intitulado “Fúria e Poder Sobre Rodas” do primeiro desenho produzido pelo Cartoon Network Brasil em conjunto com a Copa Studio chamado “Irmão do Jorel”, sendo esse estudado através do recurso de streaming da Netflix. Para isso foi utilizado como abordagem teórico-metodológica a Análise do Discurso Francesa. O objetivo foi entender como as questões de gênero podem ser abordadas e transmitidas quando direcionadas ao público infantil no Brasil através de um veículo de comunicação que é a mídia. O trabalho obteve como resultado, nesse desenho específico e nesse episódio específico, uma tentativa de desconstrução e desmistificação das ideias e estereótipos de gênero, feminino e masculino, socialmente construídas, realizando, através de recursos verbais e visuais, questionamentos acerca de tais ideias.

Palavras-chave: Gênero; feminino; masculino; discurso; ideologia.

ABSTRACT

Animations are a vehicle of language that in addition to entertainment can also serve as an educational source for children. This work carried out a study under a specific episode entitled "Fúria e Poder Sobre Rodas" of the first cartoon produced by the Cartoon Network Brazil with Copa Studio, that's "Irmão do Jorel" studied through the Netflix streaming feature. For this, we used the French Discourse Analysis as a theoretical-methodological approach. The objective was to understand how gender issues can be approached and transmitted when directed to the children's audience in Brazil through a communication vehicle that is the media. As a result, in this specific cartoon and in this specific episode, an attempt was made to deconstruct and demystify the socially constructed ideas and stereotypes of gender, feminine and masculine, through verbal and visual resources, questioning such ideas.

Keywords: Gender; female; male; discourse; ideology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
OBJETIVOS.....	13
METODOLOGIA.....	14
Análise do Discurso Francesa.....	14
Objeto de análise: Irmão do Jorel.....	16
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	27

INTRODUÇÃO

Sabe aquele gibi da turma da Mônica que você tanto lia quando criança? Aquele mangá? Aquele livrinho cheio de figuras da escola que a professora lia para você? Aquelas manhãs assistindo TV Globinho? Pois então, é dessa forma de linguagem que encantou e encanta a vida de tantas crianças e adultos que falaremos aqui: do desenho, mais especificamente, do desenho animado. Esse foi criado no século XIX pelo francês Émile Reynaud, o qual descobriu o praxynoscópio, aparelho capaz de projetar imagens em movimento na parede, criando essa arte que hoje conhecemos como desenho animado. Porém, para entender a importância do desenho animado, é interessante perpassar pelas outras formas de desenho, pois não é apenas ele que traz movimento. As histórias em quadrinhos, e os livros ilustrados também possuem essa característica, sendo importante falar deles, por serem precursores dos desenhos animados possuindo características tão importantes quanto. Dessa forma, entendemos que o desenho em sua essência serve como forma de comunicação indireta a fim de contar uma história desde os tempos mais antigos da história do ser humano. Como é explicado abaixo,

Não se pode compreender a animação sem compreender a sua história. Começamos pelo início, pela pré-animação. Como sucede suas demais formas de expressão visual, também o vínculo temporalmente mais longínquo que encontramos para a animação nos liga às figuras representadas na ancestral arte rupestre. É aí que podemos identificar as primeiras formas – ora mais tênues, ora mais deliberadas – de representar o movimento e a vida nas próprias imagens. A sobreposição e múltiplas pernas ou a própria dinâmica da coreografia de certas ações parecem evidenciar um esforço de captação e simulação do movimento (Nogueira, 2010, pág. 64).

Esse movimento encontrado nos desenhos, em conjunto com as cores, ritmos, histórias, linguagens e discursos, capta nossa atenção de uma maneira envolvente, pois estão em geral se espelhando na realidade ou em uma realidade desejada. E é nesse poder que um desenho tem de passar suas ideologias que a Indústria Cultural vai se agarrar trazendo-nos mundo de super-heróis, ninjas, universos paralelos, mitológicos etc.

Como uma manifestação cultural industrializada, a História em Quadrinhos é uma mercadoria, um produto comercial, de entretenimento, para ser consumido rapidamente por um público disperso e heterogêneo. Mas pode também tornar-se uma forma de arte visual, cujo conteúdo permite interpretações mais profundas, leituras mais sofisticadas. Pode servir para educar ou alienar, para veicular mensagens ideológicas (políticas, religiosas, sexuais, morais) ou com fins publicitários, divulgando outros produtos aos leitores/consumidores. É, portanto, um meio de expressão complexo e sua análise deve levar em conta todos estes aspectos (Santos, 2002, pág. 39).

É importante discutir a história em quadrinhos tanto pela sua força de mercado quanto pela sua força ideológica. Muitos desenhos, antes se tornarem filmes de cinema, um dia foram histórias em quadrinhos, como é o caso de Naruto. Um mangá (palavra japonesa que significa história em quadrinhos), criado em 1997, que se tornou um fenômeno mundial tão grande a ponto de se transformar em animação, o famoso anime japonês, que estreou em 2002 no Japão e desde então conquistou muitos jovens. Usamos Naruto como exemplo, não apenas pela sua fama, mas principalmente pela forma com a qual é produzida sua história, contendo personagens com ideais fortes e bem explícitos dentro do desenho, que acabam por influenciar aquele que o assiste, transmitindo um discurso muito bem organizado e capaz de atingir todas as idades. Trazendo questões como guerra, paz, objetivos de vida, como deve se portar, porque se portar de tal forma etc. Trazendo em geral costumes japoneses, mas que podem inspirar tanto o oriente quanto o ocidente por meio de imagens simbólicas e discursos ideológicos. Esse uso bem elaborado da linguagem é importante porque

Atribui-se ainda à linguagem o caráter de condutora de ideologia, já que esta ideologia está presente nos discursos, por meio do campo semântico. A língua, segundo Roland Barthes, no livro *O discurso da história*, obriga a escolhas e suas possibilidades são limitadas, uma vez que, por sua própria estrutura, implica uma relação de alienação, pois o que faço nada mais é do que a consequência e consecução do que sou. Sendo assim, usando o trinômio: linguagem, língua e discurso, poder-se-ia afirmar que a comunicação entre os humanos é tendenciosa e carregada de intencionalidade verbal (Lamas, 2012, p.25).

Sendo assim, vemos o quão importante é a linguagem para o ser humano e poder que essa tem sobre o mesmo. Pois é através dela que é produzido o discurso, e para compreendê-la, temos como aparato várias teorias, como a Análise do Discurso, que vem em conjunto com a linguística, a qual quando usada para estudar aspectos socialmente relevantes para a sociedade, como é o caso da

Indústria Cultural, faz muito bem por ter consigo o estudo das ideologias.

O discurso se constitui em seu sentido porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não tem um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. O estudo do discurso explicita a maneira como a linguagem e ideologia se articulam, se afetam em sua relação recíproca (Orlandi, 2002, p.43).

Dessa forma, partindo desse pressuposto de que a neutralidade é apenas um mito, entendo que a escolha de um desenho a ser destinado a uma criança pelo seu cuidador (como é o caso da animação, que está voltado, em geral, para o público infantil) deve ser minuciosa, pois também age como um veículo educador, precisando-se analisar seu discurso e ver se aquele é o que vem ao encontro com o que deseja ser passado para mesma.

[...] a análise de discursos procura descrever, explicar e avaliar criticamente os processos de produção, circulação e consumo dos sentidos vinculados àqueles produtos na sociedade. Os produtos culturais são entendidos como textos, como formas empíricas do uso da linguagem verbal, oral ou escrita, e/ou de outros sistemas semióticos no interior de práticas sociais contextualizadas histórica e socialmente (Pinto, 2002, p.11).

É visto que os discursos e ideologias são diversos e mudam tanto por influência geográfica quanto por influência temporal. As animações da Walt Disney exemplificam bem isso, podendo ser percebida essa polaridade de discurso temporal, como por exemplo a Cinderela, à espera de um príncipe encantado produzido em 1950 e Valente, uma princesa que procura independência produzido em 2012. Demonstrando o as diferenças presentes na questão temporal e em seus discursos. Como é exemplificado abaixo:

Ao falarmos de imagem em movimento, conceituamos uma infinidade de possibilidades e formação de novas ideologias. Essas ideologias geralmente já estão presentes na sociedade, por sua vez transmitidas como forma de desvelamento ao sujeito. Disney demonstrava suas narrativas, sua maneira de ver o mundo, por meio dos seus longas e seus seguidores fazem o mesmo com novas produções (Silva & Gomes, 2009, p.38).

Dentro dessas ideologias trabalhadas nos desenhos animados, também fazem-se presentes questões de gênero, havendo inclusive animações voltadas intencionalmente para um gênero específico, agindo de forma a demonstrar para o telespectador, como deve se portar e agir de acordo com as ideias esperadas de cada gênero. Segundo Dornelas (2019), os meninos tendem a ser mais livres e independentes, devido à crença de que são mais fortes, já as meninas devem ser mais cuidadas, pois tendem a ser mais sensíveis e necessitam de proteção. É com essa visão que muitos desenhos foram realizados, como “Homem-Aranha”, “Batman”, “Bela Adormecida” entre outros. Hoje, porém, há desenhos que procuram desmistificar tais ideias, como é o caso de “Steven Universo”, onde a característica mais desenvolvida do personagem, por mais que seja muito forte e seja um menino, é a sensibilidade. Assim como também há desenhos onde tem um movimento de incluir meninas como heroínas, como é o caso de “Naruto”, porém, continuam sendo a minoria e/ou características de fraqueza, sendo colocadas em geral no papel de coadjuvantes.

É por meio de animações como essas que a mídia nos faz olhar através de suas lentes a realidade que querem que enxerguemos, sendo, dessa forma, grandes influenciadoras no nosso modo de pensar. Assim, este trabalho apresenta como problema de pesquisa o modo como são criados e apresentados os discursos e as ideologias presentes dentro de uma animação infantil brasileira, tendo como enfoque principal um episódio específico, procurando investigar como é sua representatividade para crianças. Esse estudo foi realizado a partir da análise do discurso francesa e tem o conceito-análise “menino e menina”. Segundo Souza (2014), o conceito-análise é o objeto de análise. Ou seja, o tema específico que será estudado pelo analisador ao longo da pesquisa.

O desenho estudado é uma animação nacional com representatividade internacional, sendo criado inicialmente como uma história em quadrinhos, que é o Irmão do Jorel, criada e dirigida por Juliano Enrico e produzida pelo canal Cartoon Network em conjunto com a Copa Studio. A história se passa nos anos 80 e traz características culturais vivenciadas por pessoas que viveram,

principalmente sua infância, nessa época, o que conseqüentemente, fez com que crescesse o interesse de jovens adultos de hoje.

OBJETIVOS

Esse trabalho tem como objetivo investigar como é construído e apresentado o discurso e a ideologia dentro de um episódio de um desenho nacional chamado Irmão do Jorel, pautando-se na análise do discurso francesa, tendo os conceitos-análise “menina” e “menino” procurando entender como os mesmos podem ser abordados pela mídia quando direcionados ao público infantil.

METODOLOGIA

Análise do Discurso Francesa

A análise do Discurso (AD) teve origem na França como uma disciplina na década de 60. Segundo Pêcheux (1997), a língua não é somente estrutura. É estrutura e acontecimento. Para a AD, o discurso é produzido através da construção linguística junto ao contexto social onde ele é produzido, sendo dessa forma apresentadas as ideologias, influenciadas pelo contexto político-social. Como é explicado abaixo:

É, pois, sob o horizonte comum do marxismo e de crescimento da Linguística – que se encontra o franco desenvolvimento e ocupa o lugar de ciência piloto – que nasce o projeto da Análise do Discurso (doravante AD). O projeto da AD se inscreve num objetivo político, e a linguística oferece meios para abordar a política (Mussalim, 2012, p.114).

Segundo Ferreira (2010), o surgimento dessa disciplina se deu por conta de uma deliberada exclusão do sujeito provocada pelo paradigma estrutural para a ruptura com a fenomenologia, o psicologismo ou a hermenêutica. A procura pela AD foi de tirar o estruturalismo, o qual procurava uma língua padronizada dentro do campo científico, com o objetivo de valorizar a individualidade do discurso tendo uma língua que viesse em conjunto de um contexto social, trazendo a historicidade e sujeito, e não de uma língua objetivada, abrindo questões da própria linguística.

A AD, sempre é bom frisar, soube dar um caráter revolucionário ao modo como abordou o papel da linguagem; bem distante do aspecto meramente formal e categorizador a ela atribuído por uma visão estruturalista mais redutora em sua origem. A linguagem pela ótica discursiva ganha um traço fundacional na constituição do sujeito e do sentido e vai distinguir-se também da condição que lhe confere a psicanálise (Ferreira, 2010, p.2).

A AD entende que a língua não vem sozinha, ela vem acompanhada de uma história e é influenciada pelo sujeito que a produz, e aquilo que se entende da mesma será diferente de indivíduo para indivíduo, pois depende do lugar de onde é dito. Por conta dessas individualidades presentes dentro da língua é que o sujeito não é livre dentro seu discurso, assim como não é

totalmente livre também nos momentos de exprimi-lo. Segundo Freire (2014), esse lugar de onde se fala e produz sentido é conhecido na AD como posição-sujeito.

Para a AD, nada na língua é aleatório. O uso de palavras e frases não é resultado de liberdade do falante. Esse uso é determinado pelas possibilidades de dizer, que, por sua vez, são determinadas pelas condições sócio-históricas de produção. Embora o sujeito possa dizer tudo na língua – enquanto falante do idioma – ele não pode dizer tudo na língua – enquanto sujeito do discurso. Não é tudo que é permitido dizer a qualquer momento e para qualquer pessoa. Há limites jurídicos, éticos, morais, políticos, econômicos, afetivos etc. que constroem o sujeito na sua liberdade de enunciar. Portanto, o dizer é contingenciado (Souza, 2014, p.4).

Como foi dito, a AD trabalha com a linguística e contexto social em conjunto, o que compreende a presença de uma ideologia no discurso e consequentemente, na análise. Segundo Althusser (1998), a ideologia age e funciona de tal forma, que recruta sujeitos entre os indivíduos, recrutando-os ou transformando-os em sujeitos. Como é explicado abaixo:

Em Aparelhos ideológicos de Estado, Althusser afirma que existe uma ideologia geral, da qual seria impossível escapar. Todos estamos sujeitos a ela e é ela que transforma o indivíduo em sujeito. Para Althusser, a ideologia é a relação imaginária (a imagem que temos das coisas), transformada em práticas guiadas por essa relação (Souza, 2014, p.5).

Dessa forma, utilizamos a AD neste trabalho, pois acreditamos que a partir dela seja possível realizar uma análise sobre uma produção de arte, no caso, o desenho “Irmão do Jorel”, de maneira prática e que ao mesmo tempo pudesse abarcar vários aspectos do mesmo. Utilizamos sua ideia de conceito-análise (objeto de análise) o qual nesse caso foi “menino” e “menina”. Sendo assim, investigamos como esses foram tratados ao longo do episódio.

Objeto de análise: Irmão do Jorel

Irmão do Jorel é fantasia, amor, drama, agitação, risada, leveza, delicadeza; enfim, é um desenho que abarca todas essas sensações que habitam o cotidiano de um ser humano. Além de tudo isso, a característica mais marcante é que é o primeiro desenho brasileiro a ser produzido pelo canal Cartoon Network, abrindo espaço para o surgimento de outros. É um desenho onde tudo acontece muito rápido, pois acompanha o ritmo de uma criança de 8 anos, assim como sua visão de mundo. Quando você o assiste, pensa: “Afim, quem é o Irmão do Jorel, qual seu verdadeiro nome? Quem se chamaria irmão do Jorel?”. O desenho te responde que o Irmão do Jorel é o Irmão do Jorel, que é irmão do Nico também, e é isso. A verdade é que, ele tem um irmão tão popular, que é o Jorel, que faz com que seu próprio nome seja desconhecido e acaba ganhando esse novo nome, e sempre que esse vai pronunciar seu verdadeiro nome, o desenho muda de foco, fazendo-o tornar-se um mistério. Por ser produzido a partir da visão de mundo de uma criança, ele apresenta um imaginário muito amplo, como uma casa enorme e cheia de cômodos interativos, animais que conversam e brincadeiras que viram realidade.

A história possui muitos personagens, cada um com personalidades únicas, tendo principalmente os adultos do desenho, ideologias e discursos muito fortes. Começaremos falando de sua família, composta por um pai, um jornalista com ideais fortes que vão contra principalmente a ideia da opressão, trazendo várias vezes falas que remetem ao Golpe Militar. Sua mãe é a representação de uma mulher ativa, saudável e que é capaz de fazer mil coisas ao mesmo tempo. Sua avó materna entra em polaridade com sua avó paterna. Enquanto a primeira é a representação da mulher feminista do século XXI, a segunda é a representação de uma mulher que condiz com o que é esperado do feminino em uma sociedade mais ou menos dos anos 30. Jorel é o irmão do meio, diz pouco, aparece pouco, mas por onde passa chama muita atenção, e é retratado no desenho como uma espécie de Deus, sendo iluminado sempre que aparece. Nico é o seu irmão mais velho, e em geral demonstra ser deixado um pouco de lado por parte de seus pais e familiares. Por fim, o irmão mais novo, protagonista, o Irmão do Jorel, uma criança que vive atrás de reconhecimento em uma família agitada, onde várias pessoas querem lhe dar conselhos o tempo todo e impor regras. Fora de

sua família temos a Lara que é sua melhor amiga, uma menina questionadora e entende-se ser feminista.

A história conta seu cotidiano, trazendo elementos simples como sua vida na escola e em família. Vários episódios possuem referências externas como Clube da Luta, Vingador do Futuro, A Fantástica Fábrica de Chocolate, entre outros filmes. Porém, não para nos filmes: vários episódios possuem temas específicos como os militares no Brasil, a posição da mulher, da criança e do idoso na sociedade e por aí vai, assim como características do cotidiano de um brasileiro tanto dos anos 80 quanto de hoje, como por exemplo, receber o troco de alguma mercadoria em bala, assim como marcos históricos, como foi exemplificado, a ditadura militar. A partir de todas essas características, a história vai criando e apresentando seu discurso, de uma forma descontraída e que se adapta tanto ao público infantil quanto ao público mais velho.

Episódio Fúria e Poder Sobre Rodas

É por meio de arco-íris, pônei cor-de-rosa e um jogo perigoso que esse episódio conseguiu tratar questões relacionadas a gênero. Lara, melhor amiga de Irmão do Jorel, está levando-o para escola em sua bicicleta como sempre faz, estão super felizes até que veem um arco-íris. Lara imediatamente tem a ideia de passar por baixo do mesmo e vão. No meio do caminho, Irmão do Jorel não se mostra animado com a ideia e diz que já estava escurecendo, a cena mostra um sol forte iluminando a tarde. Lara diz para ele deixar de ser “frangote”, ele fica pensativo e pergunta se ela quer dizer que ele está sendo “mulherzinha”, ela diz que claro que não, que você chama alguém de “mulherzinha” quando a pessoa é incrível. Porém ele rebate e diz que é quem faz coisa de menina. Ela então pergunta o que seria uma coisa de menina. Ele diz que é brincar com pônei rosa em miniatura. Lara faz um barulho que simula “nojo” e diz ser mulherzinha e não brincar com pônei nenhum e que prefere jogar bola. Irmão do Jorel diz que jogar bola é coisa de menino. Lara o questiona dizendo “quem disse?” e depois rebate dizendo que ele não joga bola, então ele não é menino. Ele se mostra irritado com a ideia. Até que chegam até o final do arco-íris. Ela diz que o arco-íris era lindo, ele diz também mas logo se corrige dizendo estar com vontade de jogar um futebol. Ele pede para irem embora, ela diz que precisam atravessar o “precipício da misericórdia dos ossos quebrados”, um precipício aparentemente perigoso, para passarem embaixo do arco-íris.

No caminho, cai um pônei rosa da mochila da Lara e ela nega que é dela. Até que caem em uma espécie de galpão, onde está acontecendo um jogo que definem como “uma patinação artística no gelo, só que sem gelo e sem arte, com empurrões, cabeçadas”, cujo nome é Roller-derby, definido como o esporte de contato mais perigoso do mundo. As jogadoras dizem que o nome do time é “Trituradora de Sonhos Mortíferos”. Sendo questionadas pela Lara com o modo que a frase foi montada. Irmão do Jorel diz querer fazer parte do time, elas o respondem dizendo que para se inscrever é simples, só precisa ser uma “mina”, menina. Ele fica chateado e Lara o consola dizendo para ele não ficar triste, alegando que roller derby é “coisa de menina”.

Feito isso, o episódio dá enfoque no treino das “tritadoras de sonhos”, pulando então para a casa do Irmão do Jorel, onde sua família está tendo uma refeição em família. Ele se demonstra triste e sua mãe questiona o motivo de sua tristeza, ele diz que queria ser uma menina. Alguns membros da família se mostram assustados mas ficam em silêncio. Sua mãe diz que pode abrir seu coração e ele traz o jogo de roller-derby à mesa, dizendo que queria fazer parte mas que só meninas faziam parte do mesmo. Sua mãe conta que já foi campeã desse jogo e que sua mãe (vó materna de Irmão do Jorel) era treinadora. Feito isso começam a explicar o funcionamento do jogo. Depois ele pergunta se foram elas quem decidiram que seria um esporte só de meninas. Seu pai diz que isso era um absurdo e que ele deveria se vestir de menina para poder participar. Seus irmãos logo começam a rir em forma de deboche. Irmão do Jorel diz que nunca faria isso. Vovó Juju logo entra dizendo que ele será uma moçona linda.

Feito isso, o episódio começa a intercalar entre cenas da casa do Irmão do Jorel e o jogo. Vovó Juju diz que meninas andam com passinhos pequenos e demonstra, em contrapartida a mãe do Irmão do Jorel vem dizer para ele esquecer tudo isso e que meninas são tão fortes quanto meninos. Sua avó materna diz que mulheres são implacáveis e que ele precisa de fúria e poder. No meio disso, mostra o jogo onde Lara comete uma falta e é tirada do jogo. Irmão do Jorel aparece no jogo vestido de menina e com ajuda de Samanta e do time, conseguem vencer. Ao receberem o troféu, Irmão do Jorel ergue-o e a platéia vai ao delírio. Seu pai acaba gritando “meu filho, filhão”, desmascarando seu disfarce, isso faz com que a platéia comece a soltar falas como “isso é errado”, “só podia ser”, “não pode, ele tá de saia”, “isso é um absurdo”, até que um homem grita “não importa, é isso aí cara”. Feito isso, a platéia volta ao delírio e acaba o episódio. No final de cada episódio tem um trecho de animação em conjunto aos créditos. Nesse, contamos a cena de duas jogadoras do time exaltando a “mulher atual”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O episódio em questão trabalha gênero abordando principalmente quais são os papéis sociais e quais lugares os gêneros masculino e feminino ocupam dentro da sociedade brasileira. Isso é realizado através do olhar de duas crianças, o que possibilita entender também como esses conceitos são passados, e percebemos que são como afirmativas das quais não cabem questionamentos, pautadas em uma moral social.

As normas sociais prescrevem posturas, comportamentos, atitudes diferenciadas para homens e mulheres, desde a infância, e a construção da identidade de gênero é vivida pelas crianças através das brincadeiras, das palavras dos gestos, das atividades reconhecidas como masculina e feminina. Nesse sentido, as crianças internalizam e reproduzem as relações estabelecidas por homens e mulheres, sendo que algumas, são caracterizadas pela reprodução de estereótipos socialmente atribuídos aos gêneros (Silva, 2016, p.5).

Ainda segundo a autora, o modo como meninos e meninas estão sendo educados pode contribuir para se tornarem mais completos ou para limitar suas iniciativas e aspirações. Essa educação que lhes é passada, quando questionada, possibilita uma diminuição dessa limitação e passa a promover essa contribuição. No desenho quem faz esse papel de questionamento é Lara, quando Irmão do Jorel começa a dizer o que é direcionado a meninas e meninos, ficando sem saber como responder quando interrogado. A fala do personagem traz “futebol” como algo masculino e “brincar com um pônei rosa” como algo feminino. O primeiro seria um esporte de contato, algo que remete a força, e o segundo como algo delicado. Essa fala conversa com o que é dito por Bourdieu (1998), quando diz que das mulheres se espera que sejam "femininas", isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas.

Essa fala do autor traz a visão socialmente esperada nos gêneros, a qual o desenho busca desmistificar por meio de recursos visuais e verbais. Essa submissão pode ser entendida como uma passividade. Essa passividade é marcada no desenho de uma outra maneira com o recurso visual nessa cena citada onde Irmão do Jorel fala sobre coisas de menino e coisas de menina. Isso acontece

quando Lara, uma menina, é quem está conduzindo a bicicleta e dando ideias sobre onde podem ir, saindo do papel passivo que é visto como um papel feminino, como foi exemplificado anteriormente pelos autores, e entrando em um papel ativo que é o masculino, trazendo além disso o aspecto da coragem, que remete a uma virilidade normalmente adotada ao homem.

O gênero vem pautado de uma ideologia. Entenderemos ideologia segundo Chauí (1980), quando diz que é um sistema de representações e de normas ou regras que indicam e prescrevem à sociedade o que devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Para complementar a ideia da autora, usaremos Butler (2003) quando conceitua o gênero como sendo um “ato performático”, como um efeito produzido ou gerado. Essa performance está presente no indivíduo na maneira como o mesmo apreende às ideias de gênero e as reproduz. Isso é atravessado no desenho de uma maneira evidente quando Irmão do Jorel demonstra um certo medo de não possuir ou perder essas características esperadas do masculino, buscando o tempo todo afirmar-se homem, o que demonstra um certo sofrimento por ter de se afirmar pertencente do gênero masculino o tempo todo, pois traz restrições de como deve agir. Como é o caso quando ele não se permite achar o arco-íris bonito, onde ele chega a dizer “que lindo” mas logo se corrige dizendo “me deu uma vontade jogar futebol”, sendo que anteriormente afirmou que não jogava. Seu medo pela ideia de passar embaixo do arco-íris também chama atenção, tendo em vista que é um desenho brasileiro que sempre busca trazer elementos e lendas nacionais e sendo esse um episódio relacionado ao gênero, pode-se ter uma ideia de que esse arco-íris está relacionado não somente à diversidade como também a uma dimensão intertextual: remete a uma lenda urbana brasileira que aparece em histórias como “A Faca sem ponta, galinha sem pé” de Ruth Rocha e “O outro pé da sereia” de Mia Couto, histórias infantis que remetem a lenda de que se passar embaixo do arco-íris, a pessoa mudará de sexo. Esse seu medo é perceptível quando ele diz querer ir para casa porque está ficando tarde, sendo que se dá a entender através da cena de que estava bem cedo, por conta do céu estar claro. Esse medo representado pelo personagem tanto de reafirmar sua masculinidade quanto ao medo de troca de sexo, se faz pois faria com que houvesse uma abdicação tanto desse corpo masculino quanto dos

privilégios que esse lhe proporciona.

Não é enquanto corpo, é enquanto corpos submetidos à tabus, a leis, que o sujeito toma consciência de si mesmo e se realiza: é em nome de certos valores que ele se valoriza. (Beauvoir, 1970, p.56)

As ideias de valores que perpassam pelo masculino são de força, força essa que vai além de uma força física, é uma força também simbólica que vem atrelada com um poder. Por isso o personagem demonstra tanto medo de perder seu lugar masculino no início do episódio, demonstra medo de ser visto com características que remetem ao feminino segundo a visão socialmente aceita. Isso é exemplificado no desenho como quando Lara o chama de “frangote” porque ele não quer atravessar o arco-íris, o que ele logo associa com a palavra “mulherzinha”, ao invés por exemplo da palavra “medroso”. Essa associação dele demonstra novamente uma visão de fraqueza relacionada ao feminino o que é rebatido por Lara quando ela traz que não, que “mulherzinha é quando uma pessoa é incrível”, trazendo então uma conotação positiva tanto para o termo quanto para o gênero feminino.

Parte importante do episódio também é jogo de Roller-Derby, descrito pelas participantes como “o jogo de contato mais perigoso do mundo” e que só pode ser jogado por meninas. O que vai contra ao que é esperado ser designado no âmbito do esporte para o gênero feminino.

A eles a aventura, a potência, o desafio, a força; a elas, a aventura comedida, a potência controlada, a força mensurada, o desafio ameno. Para as mulheres, em grande medida, é incentivado viver o espetáculo esportivo desde que não deixe de lado, por exemplo, a graciosidade, a delicadeza e a beleza, atributos colados uma suposta “essência feminina”. Argumentos como estes operam como mecanismos de exclusão e inclusão em diferentes modalidades esportivas, posicionam as mulheres, demarcam seus espaços de socialidade pois insistem em afirmar que determinadas atividades não são apropriadas aos seus corpos vistos, grosso modo, como de natureza mais frágil que os corpos dos homens (Goellner, 2007, p.4).

Isso condiz com Pereira (2019), quando diz que os espaços são demarcados e cada gênero deve carregar e suprir as expectativas que são construídas sobre ele. Ou seja, assim como é cobrada essa feminilidade da mulher, que a restringe de participar de certas práticas esportivas, também é cobrado do homem uma “masculinidade” que o restringe por exemplo de participar de uma dança como ballet.

Homens que possam se interessar por filmes de romance e novelas são julgados socialmente pelo fato de este ser um lugar reservado à feminilidade, e assim, não lhe pertence. Porém, vale notar que os fatores que caracterizam estas duas atividades estão presentes também na vida dos homens. Eles estão susceptíveis a sentir emoções e a expressar sentimentos, da mesma forma que podem se interessar em acompanhar histórias que remetam a tais temas. Mas as construções sociais o colocam em outro lugar, com outros aspectos: esportes, lutas, agressividade, competitividade, força, estratégia, dominação. (Pereira, p.84, 2019)

Essas construções sociais acabam então por reforçar, incentivar que tais características façam-se presentes nos homens, e estando entre elas “dominação”, “força”, “agressividade”, entende-se que há um poder implícito simbólico que estaria atribuído ao homem quando comparado à mulher. O fato do jogo ser exclusivo para mulheres, é uma crítica que se apresenta por não coincidir com a realidade brasileira, nem com essas ideias de feminino e masculino. Tudo o que é exclusivo remete conseqüentemente a uma exclusão. Exclusão essa que tende ser realizada por aquele que detém o poder sobre o outro. Existe um poder do masculino sob o feminino que é marca histórica do Brasil, o qual efetuou essa exclusão a direitos e a espaços e atividades públicas puramente por conta do gênero, às mulheres no passado e ainda o faz, passa a ser sentida no desenho pelo gênero masculino.

Esse jogo se faz interessante no desenho então, justamente por inverter esse papel, o que era designado ao homem passa a ser da mulher. Isso faz com que haja uma troca de desejo pelo Irmão do Jorel, onde no início queria manter-se homem e agora deseja tornar-se mulher por estar sendo privado de uma atividade por uma condição puramente de ser homem. Nessa troca, ele se decide vestir de mulher e aparecem novamente mais conceitos sociais do que seria do âmbito feminino e do masculino. Esses são apresentados pelas avós do Irmão do Jorel. A paterna condiz com essa visão de “feminilidade” onde espera-se que sejam delicadas, que aparece quando a avó diz que “meninas andam com passinhos pequeninhos” e em seguida demonstra como deve ser. Já a sua avó materna traz consigo um discurso, que traz a força da mulher quando diz que “mulheres são implacáveis, você precisa é de fúria e poder”. Assim como o discurso de sua mãe, que diz para ele

esquecer aquilo que sua avó paterna havia dito e que “meninas são fortes quanto os meninos”.

Assim,

Os corpos fazem-se femininos e masculinos na cultura e essas representações, apesar de serem sempre transitórias, marcam nossa pele, nossos gestos, nossos músculos, nossa sensibilidade e nossa movimentação. Melhor dizendo: as marcas culturais que contornam as representações que temos de masculino e feminino são históricas, mutantes e provisórias (Goellner, 2007, p. 3).

As formas de representações trazidas pela sua família são interessantes por serem de duas mulheres (avós) da mesma época, mas que são falas que demarcam ideias diferentes. Isso demarca o modo como o contexto social influencia no discurso de um indivíduo, demonstra como os discursos podem trazer ideologias diferentes. Trazendo uma fala de Butler (2003),

[...] discursos, na verdade, habitam corpos. Eles se acomodam em corpos; os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue. E ninguém pode sobreviver sem, de alguma forma, ser carregado pelo discurso. (p.22)

Com isso, traremos a fala de Goellner (2007) quando diz que: as marcas culturais que contornam as representações que temos de masculino e feminino são históricas, mutantes e provisórias. Essa ideia da autora também condiz com uma cena do desenho, onde ao perceber que quem estava jogando o jogo era um menino (Irmão do Jorel), a platéia reage inicialmente de maneira negativa, utilizando falas como: “isso é um absurdo”, “ele tá de saia” criticando seu movimento de se vestir de menina para adquirir o direito de participar do jogo, porém logo se corrigem dizendo “não importa, é isso aí cara”, e logo fazem um movimento de comemoração indicando terem aceito, de certa forma, a diversidade.

Um aspecto que também chama atenção no desenho, é que, além das críticas feitas relacionadas às ideias de gênero socialmente construídas, eles não as excluem. Isso é notável quando o Irmão do Jorel só é percebido como menina ao chegar para participar do jogo, quando faz gestos delicados como “mandar beijinhos” e afinar a voz. Porém, em alguns momentos há uma

tentativa por parte do desenho de trazer uma igualdade de gênero relacionando características sociais direcionadas ao masculino e ao feminino, como podendo ser dos dois e não limitado apenas a um. Uma forma de perceber isso, é voltar a parte do arco-íris que foi explicado no trabalho trazendo consigo uma analogia a lenda apresentada na história de Ruth Rocha anteriormente, onde haveria uma troca de sexo caso passassem por baixo do mesmo. Nessa história, após haver essa troca de sexo, há uma reversão e quando essa reversão acontece, é presenciada uma ideia parecida com a do episódio em questão.

Através da narrativa divertida de Ruth Rocha, o Pedro agora é Pedra e a Joana agora é o Joano, entendendo-se assim que é na relação com o outro que a criança constitui sua identidade, são inúmeras as Joanas e Pedros: meninas que têm vontade de subir em árvores, jogar futebol e brincar com espada e carrinho, e meninos que têm vontade de brincar de cozinhar na casinha, brincar com boneca, brincar de salão de beleza (Silva, 2016, p.8).

Dessa forma, podemos perceber que o episódio também tenta trazer essa ideia de “Joanos” e “Pedras” quando demonstra que podem ter um pônei rosa, mas, ao mesmo tempo, também podem participar de jogos perigosos. Assim como com a fala da mãe de Irmão do Jorel quando diz que “meninas são tão fortes quanto meninos”. Trazendo a ideia de que não há uma limitação no que pode ser realizado por uma determinada pessoa, relacionada diretamente ao seu gênero, pois esse não a limita em nada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho em questão trouxe uma reflexão sobre gênero vinculado a um contexto histórico e social e mutável ao longo da história, porém mantendo algumas características. A partir da análise do desenho foi possível entender como a mídia pode ser usada como um veículo educador crítico, caso queira, e sua amplitude. Estudar uma animação para crianças, é estudar uma forma de linguagem cujos recursos envolvem gestos e discursos que influenciam na construção de identidade da criança que o acompanha.

Ter um desenho que traz consigo um episódio com uma visão voltada principalmente para o gênero feminino, possuindo uma personagem com as características da Lara, Danusa (mãe do Irmão do Jorel) e Vovó Gigi (avó materna), que trazem consigo um empoderamento, é interessante no contexto brasileiro devido à história de exclusão feminina presente no mesmo por tantos anos. Isso demonstra, portanto, uma modificação de olhares que tem ocorrido nos últimos anos sobre os papéis sociais.

REFERÊNCIAS

- Althusser, Louis. Aparelhos ideológicos de estado. 7 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998
- Beauvoir, S. (1970) O Segundo Sexo. Fatos e Mitos. (4ª ed.) São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- Bourdieu, P. (1998). A dominação masculina (Trad. Maria Helena Kühner). *Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.*
- 3o_masculina.pdf?1332946646
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Cardoso, I. (1981). *Os tempos dramáticos da mulher brasileira* (No. 2). Centro Editorial Latino-Americano.
- Chauí, M. (2001). O que é ideologia. rev. e ampl. *São Paulo: Brasiliense*, 23.
- Dornelas, P. M. (2019). As noções de masculino e feminino: concepções ideológicas e papéis de gênero.
- Ferreira, M. C. L. (2010). Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. *Organon. Porto Alegre. Vol. 24, n. 48 (jan./jun. 2010), p. 17-34.*
- Goellner, S. V. (2007). História das mulheres no esporte: o gênero como categoria analítica. In *Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte [e] II Congresso Internacional de Ciências do Esporte*, Recife, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (Vol. 1, pp. 1-10).
- Lamas, C. G. (2012). *Desenho animado: entretenimento, ideologia e comunicação de massa* Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura)-Universidade de Sorocaba, Sorocaba).
- Mussalim, F. (2012) Análise do discurso (capítulo revisto e ampliado). In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. v. 2. 9 ed. (edição revista e ampliada). São Paulo: Cortez editora, 2012. p. 112-161
- Nogueira, L. (2010). *Manuais de cinema II: gêneros cinematográficos*. Covilhã: Labcom.

- Orlandi, E. (2002). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.
- Cidade dos Sentidos*.
- Pereira, J. B. B. (2019). A influência do gênero no lazer: ideologia e práticas.
- Pêcheux, M. (1997). *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes.
- Pinto, M. J. (2002). *Comunicação e discurso: introdução a análise de discursos*. Hacker Editores.
- Santos, R. E. D. (2002). Para reler os quadrinhos Disney: linguagem, evolução e análise de HQs. São Paulo: Paulinas.
- Silva, T. C. R., & Gomes, A. C. F. (2009). A importância dos desenhos animados como representação ideológica: formação da identidade infantil. *Iniciação científica CESUMAR*, 11(1), 37-43.
- Silva, L. A. D. R. (2016) Brincadeira possui gênero?: o papel do professor na mediação da brincadeira na educação infantil.
- Souza, S. A. F. D. (2014). *Análise de discurso: procedimentos metodológicos*. Manaus: Instituto Census.